

Entre a identidade indígena e a influência helênica na região da Apúlia: considerações sobre a circulação vasos e iconografias eróticas

Between indigenous identity and Hellenic influence in the Apulian region: considerations about the pottery circulation and erotic iconographies

Juliana Magalhães dos Santos*

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar um panorama sobre a construção de redes de conectividade na Apúlia, região localizada no sudoeste da península itálica durante o V século a.C. Concentrando nossa análise na relação entre gregos e populações originais partimos da perspectiva de redes de conectividade concebida por Malkin (1999) para apresentar como a região era concebida pelos helenos. A partir de contatos constantes e por vezes tensos, veremos como as práticas comerciais e certas representações iconográficas áticas auxiliaram a construir pontes de diálogo e influência nos grupos sociais locais. Em específico analisaremos o impacto da influência ática na produção iconográfica ática de representações eróticas.

Palavras-chave: Mediterrâneo antigo; conectividade; Grécia Clássica

Abstract

This article aims to provide an overview of the construction of connectivity networks in Apulia, a region located in the southwest of the Italian peninsula during the 5th century BC. Focusing our analysis on the relationship between Greeks and original populations, we start from the perspective of connectivity networks designed by Malkin (1999) to present how the region was conceived by the Greeks. From constant and sometimes tense contacts, we will see how commercial practices and certain Attic iconographic representations helped to build bridges of dialogue and influence in local social groups. In particular, we will analyze the impact of the Attic influence on iconographic production at the height of erotic representations.

Keywords: Ancient Mediterranean; Connectivity; Classical Greece

* Membro do LABECA - Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga.

Este artigo pretende apresentar em um primeiro momento um panorama de identificação histórica e geográfica da região centro sul da Itália a partir da documentação escrita sobre o local referente ao período clássico. Em seguida, nos detemos em apresentar como se deu a elaboração de mercados produtores de cerâmica na região, a partir de interesses e práticas dos consumidores regionais. Por último, analisaremos como a iconografia erótica pode ser compreendida como um exemplo de construção da identidade regional a partir da releitura de referenciais simbólicos gregos. Esses elementos apresentam através de suportes de cerâmica a interconectividade do mediterrâneo e as possibilidades de diálogo para além dos indivíduos.

Nesse sentido, as perspectivas de análises históricas que indicam o alto grau de interconectividade do Mediterrâneo sugerem que a região há séculos se estabeleceu no imaginário social como laboratório de “formas” de poder (MALKIN, 2011). Braudel (1984) embora tenha reconhecido essa interação, não identificou a capacidade da região de reproduzir redes de conectividade (MALKIN, 2011; MORRIS, 2005) por meio de uma estrutura fragmentada. Tal concepção, à medida em que passou a assumir o mar como elemento preponderante na formação da identidade regional (HORDEN&PURCEL, 2000), ampliou a interpretação sobre a relação entre sociedades locais. Através dessa interpretação passamos a entender e reconhecer, por exemplo, um sistema complexo de circulação de pessoas e bens. Principalmente entre os séculos VIII e IV a.C em que paulatinamente identificamos processos de colonização¹ e diferentes formas de negociação das identidades regionais. Heródoto (Histórias, VIII) foi um dos primeiros a reconhecer as conexões políades a partir de características linguísticas e parentescos em comum. As guerras, disputas e negociações noticiadas podem ser interpretadas como elementos que buscavam impor distância entre similitudes e marcar diferenças entre comunidades. Partindo, portanto, de uma perspectiva de identidade cultural comum (MALKIN, 2011) para promover o diálogo da diferença.

Se pensarmos as relações entre indivíduos do mediterrâneo a partir de trocas comerciais, através de objetos de prestígio, percebemos que a circulação de vasos de cerâmica de figuras negras e vermelhas pode ajudar a apresentar o panorama das relações tecidas pelas trocas culturais². Através delas, compreendemos que a relevância e influência de estilos, símbolos e temas representaram através da iconografia estilos de vida e interesses de populações e grupos sociais das regiões consumidas de tais artefatos. Segundo Carpenter “a

¹ É necessário ressaltar a importância das recentes pesquisas relacionadas a diferentes processos de colonização no mediterrâneo para pensar o Mundo Antigo. Porém, devido a falta de uma nomenclatura que consiga abarcar a complexidade e refletir os processos de trocas sociopolíticas e econômicas na região, consideramos adequado manter tal reflexão neste artigo.

² Este artigo não apresentará imagens de vasos de cerâmica de figuras negras e vermelhas dos períodos respectivamente assinalados em respeito às políticas de regulamentação e circulação de imagens previamente não catalogadas e que foram utilizadas para pensar a escrita dessa produção. O artigo se limitará a citar exemplos gerais descritos nas iconografias. Em breve, a autora apresentará um artigo descritivo com análises e exemplos dos dados iconográficos previamente abordados.

complexa relação entre regiões colonizadas pelos gregos e nativos itálicos está refletida na troca e apropriação do imaginário e do estilo [encontrados nos vasos], o que também provê um novo campo para os estudos pós coloniais” (2014:9). Essa reflexão, de certa maneira, serve para exemplificar como poderiam ser estabelecidas as relações entre diferentes grupos sociais no Mediterrâneo, e em especial, na Apúlia. Nesse sentido, se faz necessário resgatar um breve histórico da ocupação territorial e da perspectiva econômica da região anterior ao IV século a.C.

Localizado longitudinalmente no “salto da bota” da Itália, a região está demarcada territorialmente pelo equivalente atual das cidades de Bari, Brundísio, Foggia, Lecce, Taranto e Barletta-Andria-Trani. De acordo com Yntema (2013:25) ao longo da Idade do Bronze a região foi ocupada por grupos sociais provenientes de diversas partes do centro-oeste da Península Itálica, organizados em estruturas fortificadas e caracterizada por ostensivos contatos com sociedades do Mediterrâneo, entre elas os micênicos. A população da região era formada essencialmente por grupos sociais denominados daunios, messápios, peucetas e iápodes (YNTEMA, 2013:25-26). A partir do século VIII a.C. vestígios arqueológicos demonstram um expressivo crescimento populacional acompanhado de uma intensa atividade comercial que se estendia entre a Dalmácia e as Ilhas Eólias (idem:49). A evidência está na diversificação e aumento da cultura material, além de rastros que demonstram o estabelecimento de uma estrutura agrária e marítima ao longo da costa ápula. Com o aumento da ocupação territorial, a diversificação comercial passou a exercer influência na economia local, com a chegada de produtos de origem coríntia (em sua maioria) via Otranto. Essa chegada foi acompanhada por um progressivo estabelecimento de migrantes de origem ática, que passaram a se estabelecer em localidades próximas à Salento (YNTEMA, 2000)³. A presença grega na costa possivelmente influenciou a arquitetura de casas, túmulos, locais de estocagem e a organização de uma rede comercial através da importação de vasos, armas e peças decorativas. Porém, apesar da influência grega difundida pela Apúlia, as trocas comerciais entre o centro e o sul da região se dava de maneira variada. Como menciona Yntema, enquanto o norte manteve “contatos intensos com grupos itálicos no Adriático central e setentrional e com tribos iapodianas de Istria e Dalmácia, o sul (...) estava envolvido em redes que se estendiam desde o mar Egeu até as margens do Mar Jônico, no leste da Sicília e, (...) na costa do Tirreno” (2018:344-345). A partir do VI século a.C. as transações comerciais do norte passaram a se restringir ao círculo regional, enquanto o centro-sul desenvolveu uma estrutura urbana que reivindicava ascendência grego-itálica, aprofundando as relações comerciais e as tradições áticas.

³ Segundo Yntema, registros arqueológicos na região de Salento e Istmo demonstram ocupação colonial desde o VIII século a.C (2018:340) Esses estabelecimentos, compostos por populações de centenas de indivíduos associados ao comércio marítimo da região, deixaram rastros de convivência social com peças de transporte (vasos) e de estocagem de alimentos. Esses vestígios indicam que o porto de Otranto foi fundamental para o estabelecimento grego na região (idem).

Relatos sobre reconhecimento populacional

A diversidade de relatos sobre a Apúlia na antiguidade demonstra o interesse de escritores e filósofos em identificar e estabelecer informações relevantes sobre os ocupantes de regiões variadas do Mediterrâneo. Essas informações poderiam servir a propósitos comerciais, reforçar laços econômicos, formalizar alianças diplomáticas e parcerias estratégicas de ocupação populacional, de acordo com interesses dos envolvidos. Ao mencionar a região, Herring (2018) indica que a utilização de termos nominativos relativos a Apúlia poderiam ser problemáticos devido a diferentes possibilidades de identificação da população regional na documentação escrita [Políbio. 3:88; Pausânias. 10.13.10]. Nesse sentido Smith (1854: 287) relata tal dificuldade ao mencionar que a população “era muito heterogênea, e existe grande confusão nos relatos a respeito dela transmitidos por escritores antigos”⁴. Além disso, há também certa dificuldade quanto ao reconhecimento da cultura material local, que, dependendo da perspectiva adotada por arqueólogos e historiadores, preferem se utilizar de identificações culturais apontadas pelos gregos ou que poderia ser denominada como produção nativa (HERRING, 2018:3,4).

Partindo de uma perspectiva helênica de reconhecimento geográfico da região em fontes documentais, Smith (1854) aponta uma maior utilização do termo *lapygia* para indicar as regiões da Apúlia e da Messapia, apresentadas, por vezes, de maneira indistinta (Heródoto, 4.99; Políbio, 3.88). Estrabão identifica a península messapiana como *lapygia*, ocupada por salentinos e calabreses. A referência a *lapygia* para os gregos está ligada a *lapyx*, personagem associado ao mito de Dédalo e tido como líder dos cretenses que se instalou na região (Heródoto, VII: 170)⁵. A designação dada pelos gregos para populações da região norte que viviam além do território

⁴ Entre outros escritores que descreveram a região, Hamilton & Falconer mencionam a Apulia e afirmam: “As the inhabitants of the district, except in ancient times, have never been particular in speaking of the Peucetii or Daunii precisely, and as the whole of this country is now called Apulia, the boundaries of these nations are necessarily but ill defined: wherefore we ourselves shall not be very exact in treating of them” (1903:9). Já Jones menciona em termos semelhantes a dificuldade de identificar a região. Segundo ele, “... since the terms “Peucetii” and “Daunii” are not at all used by the native inhabitants, except in early times, and since this country as a whole is now called Apulia, necessarily the boundaries of these tribes cannot be told to a nicety either, and for this reason neither should I myself make positive assertions about them” (1924:9).

⁵ Segundo Grimal (2005:238), a lenda varia de acordo com as fontes. *lapix* poderia ser filho de Lícaon, irmão de Daunio e Peucécio. Em outra vertente da lenda, mencionado acima, ele seria cretense, filho de Dédalo. Ainda de acordo com o autor, ele “foi para Sicília e, em seguida, para a Itália meridional, no seguimento dos acontecimentos, que acompanharam a morte de Minos. *lapix* passava por ter sido chefe dos Cretenses que seguiam Minos quando, após a morte deste, tentaram em vão voltar à pátria. Uma tempestade arrastou-os para a região de Tarento onde se fixaram. Uma variante desta tradição dizem simplesmente que *lapix*, um cretense, irmão de Icádio, foi para a Itália, meridional enquanto seu irmão era levado por um delfim até junto do Parnaso, onde fundou Delfos” (idem).

calabres, era de peucetas e daunios, porém os nativos desconheciam tal tratamento e chamavam a região de Apúlia (Estrabão, 5:3; 5.4). Ainda de acordo com Smith (1854: 285) os escritos de Estrabão indicavam que os ápuolos falavam a mesma língua que daunios e peucetas, não distinguindo aqueles destes. Já no período helenístico, Ptolomeu divide a região da Apúlia entre peucetas e daunios, repetindo parte das informações dadas por Estrabão, porém estendendo a descrição a toda região sudeste da península itálica (3.1: 15, 16, 72, 73).

A identificação confusa da Apulia na documentação poderia estar associada a maneira como foi construída a relação entre gregos e gregos residentes com as populações originais. Isso poderia significar que a elaboração de saberes sobre a região, ao ser pensado por helenos, assumia um olhar dominante, possivelmente implicando concepções e relações de poder negociadas. A dinâmica de forças que perpassam pelas narrativas explicitam que o sistema de redes e nós conectados através do mediterrâneo (MALKIN, 2003) poderia ser, em alguns casos, mediado por um trânsito de poder a partir de estruturas sociais e bens comerciais. A partir dessa reflexão podemos depreender que independente das trocas econômicas e culturais, para ambos lados era necessário criar espaços de legitimação de maneira a marcar diferenças e limites. Peguemos como exemplo as relações comerciais entre nativos e gregos para exemplificar as “zonas de contato” (PRATT, 1991)⁶, entendendo o conceito como um espaço de transformação do poder a partir do encontro entre duas potências ou forças políticas geograficamente estabelecidas. O comércio artesanal era um meio preponderante para a organização de elementos de diferenciação social entre agrupamentos, tribos e clãs ápuolos, destacados em estruturas elitizadas, atestado pelo rico equipamento funerário de túmulos com peças em âmbar, ouro e bronze (MONTANARO, 2010) desde a Idade do Bronze e, em maior vulto a partir do IV século a.C. Esse cenário pareceu favorecer a transição da lógica de produção de cerâmica Ática para a região ápula como Metaponto, Tarento e Ruvo di Puglia após a metade do V século a.C.⁷

⁶ De acordo com Pratt (1999: 13), “Sob a perspectiva do contato, as fronteiras são trazidas para o centro da discussão, enquanto centros homogêneos são deslocados para as margens. Curiosamente, é bem assim que o mundo é visto sob a perspectiva subalterna ou das 'minorias': a vida econômica cívica parece ser conduzida em zonas de contato, permanentemente produzindo conflitos em instituições feitas pelos outros. Fraternidade e homogeneidade são encontradas, quando muito, em espaços seguros as margens dessas instituições de fora. Em resumo, uma perspectiva do contato tira a comunidade do centro para perceber como a significação se movimenta por entre essas linhas de diferença e hierarquia, ou através delas. Essas linhas então não circunscrevem o objeto de estudo; estão dentro dele. A ideia de capturar a racionalidade do sentido não como um fenômeno estrutural, como acontece na langue saussuriana, mas capturar em dimensões sociais e históricas”. Ver mais em PRATT, M. L. *A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco*. Santa Catarina: Revista Travessia, 1999, pp. 7-29.

⁷ Nem todas as localidades mencionadas como produtoras de cerâmica região ápula possuíam designação semelhante a atual. Encontramos as primeiras menções à Metaponto (Μεταπόντιον) em Estrabão (6:1-3), Aristóteles (1: 984a; 3:1229a), Heródoto (4:15) e Tucídides (7:33). De acordo com Pausânias, Tarento (Τάρων) teria recebido o nome em homenagem a um herói local, Taras (10:10;13), tendo sido anteriormente denominada pelos nativos como Tarentum, segundo Estrabão (6:1). Já Ruvo di Puglia, região que concentrava uma tribo iapodiana denominada

Lembramos que ao longo do período clássico, a produção ática, a partir de Atenas, foi responsável por uma intensa da comercialização de cerâmica de vasos vermelhos para diversas regiões da península itálica como Sicília, e Etrúria, o que nos faz compreender a influência de certas lógicas de produção de peças de prestígio.

Para atestar a influência ática na região para além da produção de cerâmica, Smith apresenta evidências de contato e trocas entre gregos e povos locais ao mencionar que “as cidades de Peucetia e algumas de Daunia (...) adotaram as artes e até a língua de seus vizinhos gregos” e que tal prática, “é comprovada pela evidência de suas moedas, quase todas com inscrições gregas puras, bem como pelos numerosos bronzes e vasos pintados, que foram trazidos à luz por escavações recentes” (1854: 289). Carpenter corrobora a passagem acima, afirmando que a boa relação entre nativos e helenos também poderia se estender a laços de amizade (*palaià philia*), como, por exemplo, entre atenienses e o Rei Artas, líder dos messápios (2014:44).

Porém, apesar das relações comerciais demonstrarem serem bem sucedidas, isso não significava a ausência de conflitos e dissidências entre eles. Aristóteles menciona confrontos armados entre Tarantinos e iápodes no V século a.C. Ao indicar um ponto de tensão entre gregos e nativos, entendemos que as relações poderiam ser múltiplas e multifacetadas, com limites demarcados para realizar trocas benéficas para ambos. Enquanto o comércio os unia em um terreno comum, a ocupação do espaço por vezes os mantinham separados. A partir dessa perspectiva, entendemos que as negociações e relações entre as partes eram refeitos a cada vez que entravam em contato (STOCKHAM & ATHANASSOV, 2018). Ao tratar das disputas, o filósofo menciona que “o regime constitucional passou a ser democrático, pouco depois dos notáveis da cidade terem sido vencidos e dizimados pelos iápodes, logo após as Guerras Persas” (*Aristóteles. Política. 5.1303a*). Já no século I a.C, sobre o mesmo evento, Diodoro Sículo narra:

Quando Menon era arconte em Atenas [por volta de 473 aC], (...) uma guerra eclodiu entre os tarantinos e os iápodes. Para esses povos, havia uma disputa entre si por algumas terras em suas fronteiras e há alguns anos se envolveram em escaramuças e invadiram o território um do outro, e como a diferença entre eles continuava aumentando constantemente e frequentemente resultava em mortes, acabaram por aprofundar a disputa. Agora, os iápodes não apenas prepararam o exército com seus próprios homens, mas também se uniram a eles forças auxiliares de seus vizinhos, reunindo assim um corpo total de mais de vinte mil soldados; os Tarantinos, ao saberem do tamanho do exército reunido contra eles, reuniram os soldados de seu estado e acrescentaram a eles muito mais rhegianos, que eram seus aliados. Uma batalha feroz aconteceu e muitos caíram de ambos os lados, mas no final os iápodes foram vitoriosos” (*Diodoro Sículo. Biblioteca. 11.52*)⁸.

peucetia, foi mencionado por Estrabão como parte do território da região da Apulia (Ἀπουλίαν) (6:3:1).

⁸ Minha tradução.

É importante frisar que Taranto era uma *apoikia*⁹ grega de destaque no sudeste da península itálica, fundada no início do V século a.C.. No século seguinte a *polis* manteve contatos intensos com as populações ápuas (ou iápodas) em função de disputas comerciais ao longo da Costa do Adriático¹⁰. O interesse comercial na região passou a ser disputado, levando a ampliação da circulação de bens e mercadorias por toda a costa itálica. Esta estrutura e suas respectivas relações se modificaram com o estabelecimento dos romanos na região no século III a. C. É possível confirmar que as marcas do desenvolvimento comercial a partir de achados arqueológicos que apresentam a expansão da malha urbana e o estabelecimento de zonas rurais em todo centro sul, principalmente a partir do último terço do IV século a.C.. Já as fontes literárias oferecem informações escassas sobre as relações entre gregos e nativos.

Conectividade e influência ática na Apúlia a partir da produção de cerâmica

Bens materiais como artefatos, objetos de prestígio ou uso contínuo, utensílios e alimentos serviam como potentes instrumentos de conexão social (KNAPPETT, 2011) que incentivaram a disputa de concepções de mundo no Mediterrâneo. Sobretudo ao evidenciar o trânsito de poder material e simbólico entre *poleis* da região por meio de estratégias de consumo. Em específico, a estrutura de negociação e influência pode ser compreendida por meio da circulação e venda de vasos e cerâmicas entre *poleis* helênicas, colônias e entre localidades de intensas trocas comerciais. Para fazer um breve retrospecto da circulação de produtos artesanais entre Atenas, Magna Grécia e Etrúria, é necessário entender em que contexto se deu o desenvolvimento do comércio na região durante o período clássico.

O período de estabelecimento de conceitos e temáticas de artefatos consumidos na região ática acompanhou, entre outros processos, o desenvolvimento sócio político das cidades Estados na ática. Em Atenas, por exemplo, teve notável crescimento da exportação de cerâmica para as regiões mencionadas entre o final do período arcaico e começo do clássico (LEWIS, 2002; SUTTON Jr, 1992). Essa processo foi responsável por divulgar tanto no mercado interno como no externo os principais interesses temáticos atenienses no consumo de cerâmica. Essas produções, possivelmente impulsionadas pelo estabelecimento do um “estilo de vida” democrático, foi responsável por divulgar certos interesses do grupo cidadãos. O casamento, o exercício físico e político eram algumas das temáticas de exportação (op. cit). No entanto o

⁹ Cidades ou regiões colonizadas por Cidades-estado, grupos étnicos ou impérios de destaque no mediterrâneo. Neste caso específico, pelos gregos.

¹⁰ Entre o final do V século e o início do IV século a.C, Dionísio I seguido de Dionísio II de Siracusa buscaram ampliar as relações comerciais com populações da região centro sul da península itálica de maneira controlar o fluxo de bens na costa do Adriático. Após a morte de Dionísio II, as relações comerciais passaram a ser alvo de interesse e disputa entre Tarantinos e ápuas, envolvendo forças espartanas contra os nativos (*Diodoro Siculo, Biblioteca: 16.88*) e em seguida, contando com auxílio de forças mobilizadas por Alexandre, o Grande que passaram a forjar alianças comerciais e de amizade entre as partes (CARPENTER, 2014: 45-47).

estabelecimento dessas temáticas se deu de maneira paulatina, em consonância com a promoção da Democracia como sistema político. Logo, não aconteceu de maneira rápida e uniforme, já que podemos encontrar a coexistência de temáticas pronográficas e de casamento produzidas no início do período clássico (SUTTON JR, 2004). Porém, apesar do exemplo ateniense, seguimos com o interesse de captar os desdobramentos do fenômeno na região da Magna Grécia. Repetindo a análise sobre a diferenciação a partir de semelhanças, consideramos ser esse um elemento importante para entender a produção de vasos áticos na sua relação com produtos locais.

A influência cultural e artística ática pode ser percebida em diversas regiões do mediterrâneo (OSBORNE, 2007) através dos achados arqueológicos, sobretudo de bens de prestígio. A partir do final do V século a.C., as consequências de um longo período de conflitos na Guerra do Peloponeso (crises econômicas, alimentares, políticas), precipitaram no declínio da produção ática, com intensa migração de artesãos (McDONALD, 1981:159-168). Outro efeito decorrente da guerra foi a ostensiva diminuição no consumo de cerâmica ateniense gerando, como consequência artística, a lenta simplificação dos elementos figurativos (PELLEGRINI, 2009:114-115). Possivelmente por conta desse movimento, diversos grupos especializados em desenvolver técnicas de produção ática foram reconhecidos pelo Mediterrâneo (TRENDALL, 1989). Passando, portanto, a se destacarem como pólos de produção e circulação de artefatos, aprimorando e redefinindo técnicas e consumo de objetos. Entre eles, as regiões identificadas e classificadas por Trendall (1979, 1983, 1981, 1983, 1989) como as principais produtoras de cerâmica na Magna Grécia - Campânia, Lucania e Apúlia.

Nos estágios iniciais da produção lucana e ápula, datados dos primeiros anos do IV século a.C., a inspiração ática prevalecia em formatos e temáticas. Porém após 375 a.C, a cerâmica ápula se tornou o estilo de produção predominante, assim como as temáticas (mitológicas e funerárias) e os formatos difundidos pelo segmento (crateras, ânforas e lutróforos) (TRENDALL, 1989: 74-83). Segundo Carpenter (2014:6), apesar da semelhança técnica com a cerâmica ática, a linguagem que dialogava com o público e seu imaginário era diferente. Essa diferenciação passou a ser visível na metade do IV século a.C., com o expressivo aumento da produção ápula. Ela foi reconhecida por Ciancio (2014:152-167) já no final do IV século a.C como um movimento de produção voltado “para as massas” e atestado pelo declínio na qualidade das peças. Apesar disso, a ampliação dos mercados consumidores apenas diversificou seu público, sendo possível encontrar peças elaboradas e simples por toda a região (CORRENTE, 2014: 168-185).

Apesar da diminuição da produção ática e crescente produção na Magna Grécia ao longo do IV século a.C., compreendemos que a concepção-base da mensagem iconográfica permanecia: a perspectiva pedagógica do argumento iconográfico. Assumindo a noção pedagógica como processo que identificava, organizava e tornava didático a posição dos papéis sociais. Visto, assim, como lembrete e modelo de condutas (SUTTON Jr, 1992) que não tinha

um objetivo específico absoluto, mas que expressava uma maneira de interpretar a realidade. Argumento que encontra eco na produção de Vergara (2014) sobre as possíveis funções dos instrumentos musicais na iconografia da Apúlia. Portanto, aqueles que partilhavam uma identidade social comum mediterrânea também partilhavam signos que indicavam noções de negociação, dominação, sujeição, controle, do “*outro*”, de si.

O exemplo da iconografia erótica

Desta maneira, no início do século IV a.C., com o estabelecimento e ampliação da produção de cerâmica no centro sul da península, os produtores locais passaram a executar e distribuir as peças em larga escala (TRENDALL, 1989). Nesse sentido, Small indica (2014:20) que a circulação e diálogo das peças com mercados consumidores estavam restritos às regiões centro sul da Itália, visto que o consumo romano era praticamente inexistente. Entretanto, isso não impedia que o imaginário de temáticas trabalhadas na Magna Grécia não circulasse para além dos limites iconográficos. Ao pensarmos o caso ápuo e sua produção artesanal, a linguagem artística apresentada pela cerâmica produzida por eles poderia servir como zona de contato negociando símbolos e práticas que desejavam exportar. Elas abriam inclusive a possibilidade de fazer circular objetos em bronze, estelas e pinturas parietais de temáticas consumidas pela região como, por exemplo, no caso das temáticas eróticas. Vamos nos deter rapidamente nas representações eróticas. Tais peças são exemplos que atestam a sobrevivência e reinterpretação do Eros na cultura etrusca e romana mesmo após o declínio da produção na região (LIMC III: 1,2; IV).

Isso significa dizer que o imaginário acerca do Eros sofreu diversas transformações simbólicas, entre o fim do Período Geométrico até o Helenístico na Ática, chegando na península itálica. Essas mudanças que foram captadas e adaptadas pela produção iconográfica da Magna Grécia, de acordo com os interesses dos consumidores locais. Independente da local de consumo, a representação épica, poética, teatral ou iconográfica, a condição da deidade permanece associada à sexualidade humana. Elas poderiam estar associadas a um universo mitológico ou teatral, adaptado pela releitura de práticas dionisíacas ou associado a ações femininas (CARPENTER, 1986; 2009; 2014). Além dessas leituras uma representação do Eros associada a sublimação do corpo pelo desejo, o desejo de vitória. Fosse vitória em vida, através de disputas e batalhas, ou vitória que se perpetua para além da morte do corpo físico, através da memória de seu legado material. Isso significa apresentar a possibilidade comum para os indivíduos da Apúlia em crenças que indicavam uma vida além da morte (MONTANARO, 2011). Nesse sentido se destacam também a possibilidade de associação com outras figuras aladas como Niké, Boreas e Hermes, divindades que junto com o Eros poderiam servir de mensageiros que ligavam os indivíduos aos deuses no além. A capacidade fecunda de preencher o espaço com a presença humana onde seria possível chegar - céu ou terra, desempenharia junto ao

desejo de vida plena e imortal, a possibilidade de voltar ao sentido original de um dos sentidos pensados para o Eros e descrito por Heródoto.

Seguindo o percurso do Eros, vemos pela primeira sua presença em Hesíodo (*Teogonia*, 740-743), em que somos apresentados à deidade enquanto potência primordial. Ao longo do Período Arcaico a poesia mélica canalizou a ação criativa do Eros na ação sexual, sendo relida pela iconográfica no final do século IV a.C. No Período Clássico identificamos a transformação na sua relação com o desejo humano, sobretudo associado à sexualidade e o comportamento feminino (SANTOS, 2018). Consideramos que tal estágio de representação do Eros no Período Clássico se tornou base para a produção de novos sentidos dados a deidade no IV século a.C na produção de cerâmica ápula. Isso pode ser atestado pela associação tanto a interesses femininos quanto o masculinos, inclusive muitas vezes apresentado com um corpo transexual, com seios e penis, promovendo através da expressão física um diálogo erótico, criativo, fértil e ubíquo (CASSIMATIS, 2014). Levando, portanto, os indivíduos a serem agentes hora ativos, hora passivos dos desejos humanos, fossem esses sexuais, divinos, militares ou associados a manutenção de uma lógica de poder.

Para Brendel (1984:232-233) a produção considerada como arte erótica, e que avaliamos como sendo especificamente pornográfica (por explicitar atos sexuais), só retornará para os atenienses como temática iconográfica no período helenístico. Ela passa a ser redefinida e relida a partir da influência da produção italiota, que vinha se desenvolvendo e, expandindo comercialmente a circulação de vasos na Magna Grécia e na Etrúria durante o IV século a.C¹¹. Fazendo, destarte, o movimento inverso aquele que foi iniciado no V século a.C com a incorporação e apropriação de elementos áticos na produção iconográfica da região centro sul da península itálica, especialmente na produção da Apulia. Desta vez com elementos iconográficos e simbólicos italiotas e etruscos em reproduções áticas, como por exemplo as representações de convivas com ascendência aristocrática do sexo masculino e feminino em cenas de banquete (OAKLEY, 2009).

À vista disso, vemos que o desenvolvimento comercial e o desdobramento temático não exclui ou desatrelou a identificação do Eros com a sexualidade e o erotismo. Isso significa que a deidade já havia se estabelecido como figura pictórica importante no mediterrâneo, fazendo com que suas representações circulassem por diferentes regiões, ateliês e representações pictóricas. Cassimatis (2014) apresenta o percurso iconográfico do Eros atestando a influência fundamental que a temática teve na produção italiota e o desenvolvimento de produtos contendo esse elemento em larga escala. Destaca também a importante contribuição ateniense sobre a difusão no mediterrâneo de técnicas, temáticas e distribuição para diferentes mercados consumidores

¹¹ Lewis (2002), Shapiro (2003), Cohen (2010) e Sutton (1992:1997) estão de acordo com essa proposição. De maneira geral os autores argumentam que o consumo mediterrâneo, em especial o etrusco, foi um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento econômico da produção de cerâmica ática.

(op. Cit: 35-27). A autora avalia que as representações iconográficas do Eros sofreram particular modificação principalmente na identificação visual (do jovem de porte atlético e alado para a figura diminuta e infantilizada) da deidade como expressão máxima do desejo. Porém sua força temática se manteve. Sutton Jr (1992) corrobora essa reflexão ao sugerir que a força temática do Eros se dava pela capacidade de elaborar significações gerais que poderiam ser compreendidas e consumidas sem perder o sentido sexual da representação. Talvez seja por isso que o Eros pode ser considerado como o molde ideal para a expressão sexual. Sua transformação permitiu a elaboração de uma representação mitológica fundante que traduzisse o sentido de saciedade e completude através, entre outros, de expressões de vitória, gozo sexual e satisfação física ou política. Transformando-o, portanto, em figura central, (não mais secundária como no caso Ático) independente e autônomo das ações humanas. E por isso, passível de aglutinar elementos e referenciais religiosos de outras deidades cultuadas no mediterrâneo (op cit.:39), como, por exemplo, no caso ápulo e a associação a Dionísio (CARPENTER, 1986). Ainda que sua complexa composição não possua uma genealogia homogênea tanto em sua origem quanto cultos e atributos¹² (BREITENBERGER, 2007), sua massiva exposição é responsável por fixar de maneira não dogmática a presença no cenário social. Demonstrando, assim, que a heterogeneidade não é um problema contanto que a leitura sobre a deidade seja elástica o suficiente para sobreviver aos seus consumos a partir de noções de matriz sexual.

A partir deste rápido exemplo, percebemos que a circulação de pessoas e bens pelo mediterrâneo pode indicar um trânsito de negociação complexo que envolve interesses políticos, sociais e geográficos. Seja entre gregos, ápulos e gregos residentes, por exemplo. Logo, os critérios para intermediar tais relações dependem de condições preexistentes, como a colaboração e a troca com ganhos mútuos, além da manutenção de laços de amizade (*philia*) como mensageiro de um sistema simbólico de bens de prestígio. Exportando assim, para todo o mediterrâneo a habilidade e a astúcia (*métis*) helênica (DETIENNE&VERNANT, 2008), bem como a capacidade de criar um terreno comum para construir pontos e conexões com outras sociedades e culturas.

Bibliografia

- BRAUDEL, Fernand. O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II. 2 vols. São Paulo: Martins Fontes, 1984. [1949].
- BRUCHAC, M. (2014). Decolonization in Archaeological Theory. In Smith, C. (Ed.), *Encyclopedia of Global Archaeology*, 2069-2077.
- CALAME, Claude. *Eros na Grécia Antiga*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.
- CARPENTER, T.H; LYNCH, K.M, ROBINSON, E.G.D (ed.), *The Italic People of Ancient Apulia: New Evidence from Pottery for Workshops, Markets, and Customs*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2014.

¹² Autores como Hesíodo (Hesíodo. Teogonia. 104; 173), Heródoto (Alcino e Alcaman sugeriram genealogias diferentes sobre o princípio divino Outros formulam por si o nascimento da deidade e a partir de sua interferência sexual da deidade, como é o caso de Safo (fragmentos 31;40).

- CARPENTER, T.H. Dionysian imagery in Archaic Greek Art. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- _____. Prolegomenon to the Study of Apulian Red-Figure Pottery. *American Journal of Archaeology*. Vol. 113, No. 1 (Jan., 2009), pp. 27-38.
- CASSIMATIS, Hélène. *Eros dans la céramique à figures rouges italiote: Essai d'interprétation iconographique et iconologique*. Paris: Editions De Boccard, 2014.
- CUCHET, Violaine Sebillotte. O que o gênero faz na Antiguidade Grega (séculos V e IV a.C). In: *Imagem, Gênero e Espaço: Representações da Antiguidade*. Niterói: Editora Alternativa, 2014.
- DENOYELLE, M., E. Lippolis, M. Mazzei et al. La céramique apulienne. Bilan et perspectives. Naples 30 November-2 December 2000 (Naples, Centre Jean Bérard, 2005).
- DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Métis: As astúcias da inteligência*. São Paulo: Odysseus, 2008.
- HAMILTON, H.C.; FALCONER, W. (Ed.): *The Geography of Strabo*. Literally translated, with notes, in three volumes. London. George Bell & Sons. 1903.
- HERRING, Edward. *Patterns in the Production of Apulian Red-Figure Pottery*. London: Cambridge Scholars Publishing 2018.
- HUBBARD, Thomas K. (org). *A Companion to Greek and Roman Sexuality*. Wiley Blackwell publishing. Oxford, 2014.
- HORDEN, P.; PURCELL, N. *The Corrupting Sea: A Study of Mediterranean History*. London: Wiley-Blackwell, 2000.
- KNAPPETT, C. *An archaeology of interaction: network perspectives on material culture and society*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga; LYONS, Claire L. *Naked Truths: Women, Sexuality and Gender in Classical Art and Archaeology*. London: Routledge; 1997.
- LISSARRAGUE, Francois. Image et Religion dans l'antiquité Gréco-romaine, Centre Jean Bérard, Naples, 2008, p. 19-24.
- LIMC: Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae. Vol. VI, VII; Suppl. I, II. In: www.limc-france.fr/
- MALKIN, Irad. *A Small Greek World: Networks in the Ancient Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press,, 2013.
- Mitteis, Ludwig. (1891). *Reichsrecht und Volksrecht in den ostlichen Provinzen des römischen kaiserreichs. Mit Beiträgen zur Kenntniss des griechischen Rechts und der spatromischen Rechtsentwicklung*. Leipzig.
- MONTANARO, A.C. (2007) *Ruvo di Puglia e il suo territorio: le necropoli: i corredi funerari tra la documentazione del XIX secolo e gli scavi moderni (Rome, L'Erma di Bretschneider)*.
- MORRIS, I. Archaeology and Gender Ideologies in Early Archaic Greece. In: *Transactions of the American Philological Association* (1974-), Vol. 129 (1999), pp. 305- 317.
- OSBORNE, R. (ed.); ALCOCK, S.: *Classical Archaeology*. London: Blackwell, 2007.
- PRATT, Mary Louise. Arts of the Contact Zone.. *Profession* (1991). Pp. 33–40.
- PELLEGRINI, Elisa. *Eros nella Grecia arcaica e classica: iconografia e iconologia*. Roma: Bretschneider Giorgio, 2009.
- SABETAI, V.. The Poetics of Maidenhood: Visual Constructs of Womanhood in Vase-Painting. In SCHMIDT, S.; OAKLEY, I. (eds). *Hermeneutik der Bilder. Beiträge Zur Ikonographie and Interpretation griechischer Vasenmalerei*. Munich: C. H. Beck, 2009: 103-114.
- SUTTON Jr., R. Pornography and Persuasion on Attic Pottery In: RICHILIN, A. *Pornography and Representation in Greece and Rome*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1992:.3-35.
- SANTOS, J. M. *Eros no oikos: Relações de gênero e representações da espacialidade e da sexualidade feminina em Atenas do V século a.C*. IHT-UFF, Niterói: 2018 [tese de doutorado].
- TRENDALL, A. D; CAMBITOGLU, A.: *First supplement to the red-figured vases of Apulia*. Londres: University of London. Institute of Classical Studies. Bulletin supplements, 42, 1983.
- _____. *Second supplement to the red-figured vases of Apulia, 1-3*. Londres: University of London. Institute of Classical Studies. Bulletin supplements, 60, 1991.
- _____. *Red figure vases of South Italy and Sicily: A handbook*. Londres, Thames and Hudson, 1989.
- YNTEMA, D. G. *The Matte painted Pottery of Southern Italy*. Galatina: Congedo, 1990.
- _____. "Mental landscapes of colonization: the ancient written sources and the archaeology of early colonial Greek southeast Italy." *BABesch* 75, 2000: 1–49.

_____. The Archaeology of South East Italy in the First Millennium BC. Greek and native societies of Apulia and Lucania between the 10th and the 1st century BC. Amsterdam: Amsterdam U. P., 2013.

_____. The Pre-Roman Peoples of Apulia (1000–100 BC). In: FARNEY, G. D.; BRADLEY, G. (edit.): The Peoples of Ancient Italy. Berlin: De Gruyter, 2018.

YATROMANOLAKIS, D. (ed.): An Archaeology of Representations: Ancient Greek Vase-Painting and Contemporary Methodologies. Athens: Kardamitsa/Institut du Livre, 2009: 341-372.

Documentação

HERODOTO. Histoires (vol. 3). Paris: Les Belles Lettres, 1956.

STRABO. ed. H. L. Jones, The Geography of Strabo. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: William Heinemann, Ltd. 1924.

DIODORUS SICULUS. Diodorus of Sicily in Twelve Volumes. Vol. 4-8. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: William Heinemann, Ltd. 1989.

Artigo recebido em 22/08/2020 e
aprovado para publicação em 10/12/2020